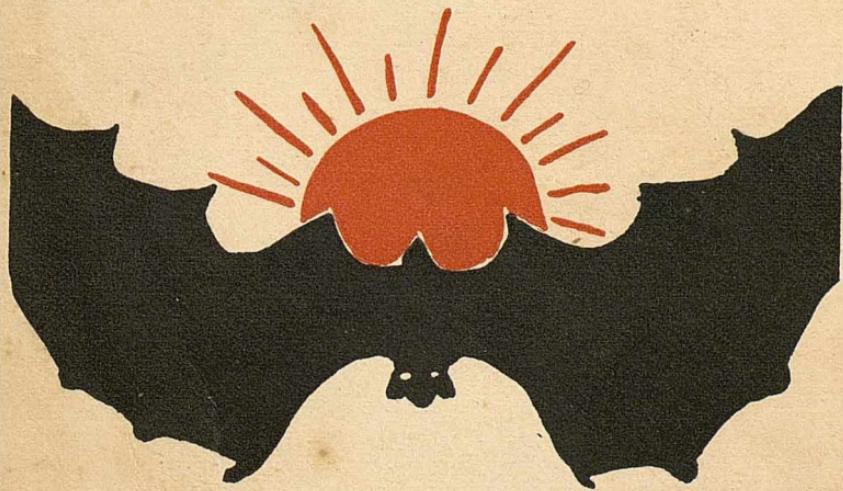


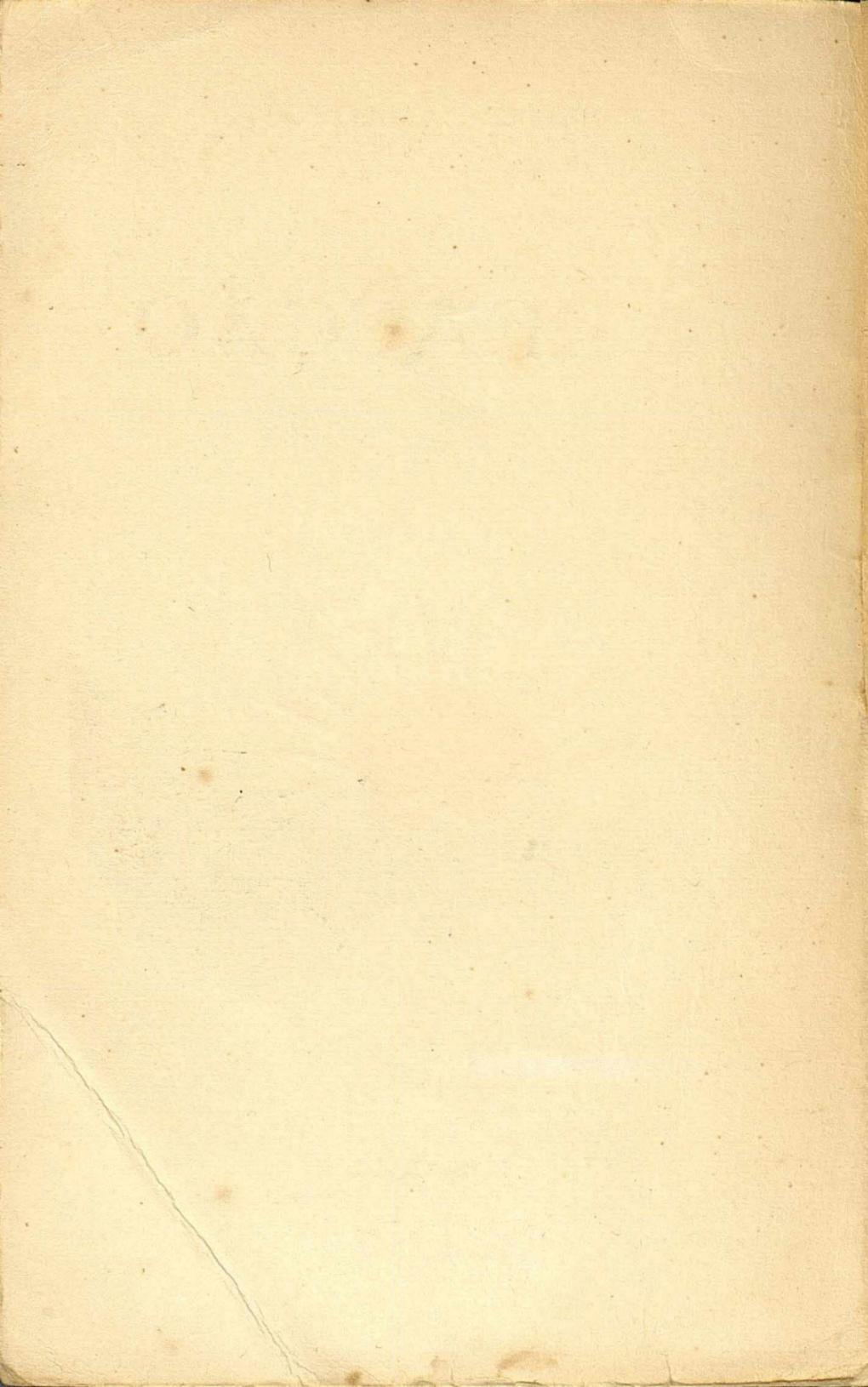
BRITO CAMACHO

A REACÇÃO

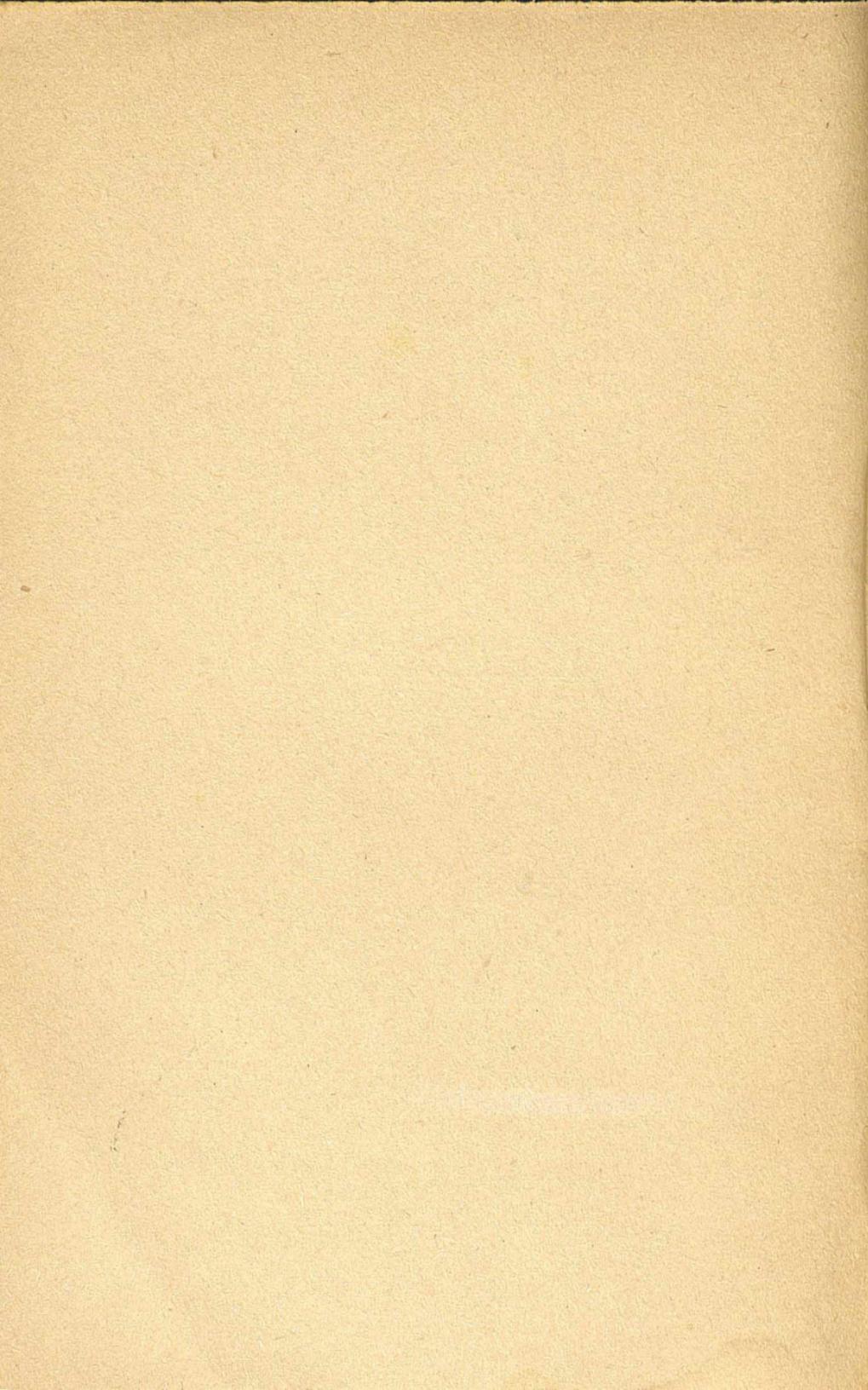


COLECCÃO

“LUZ,,



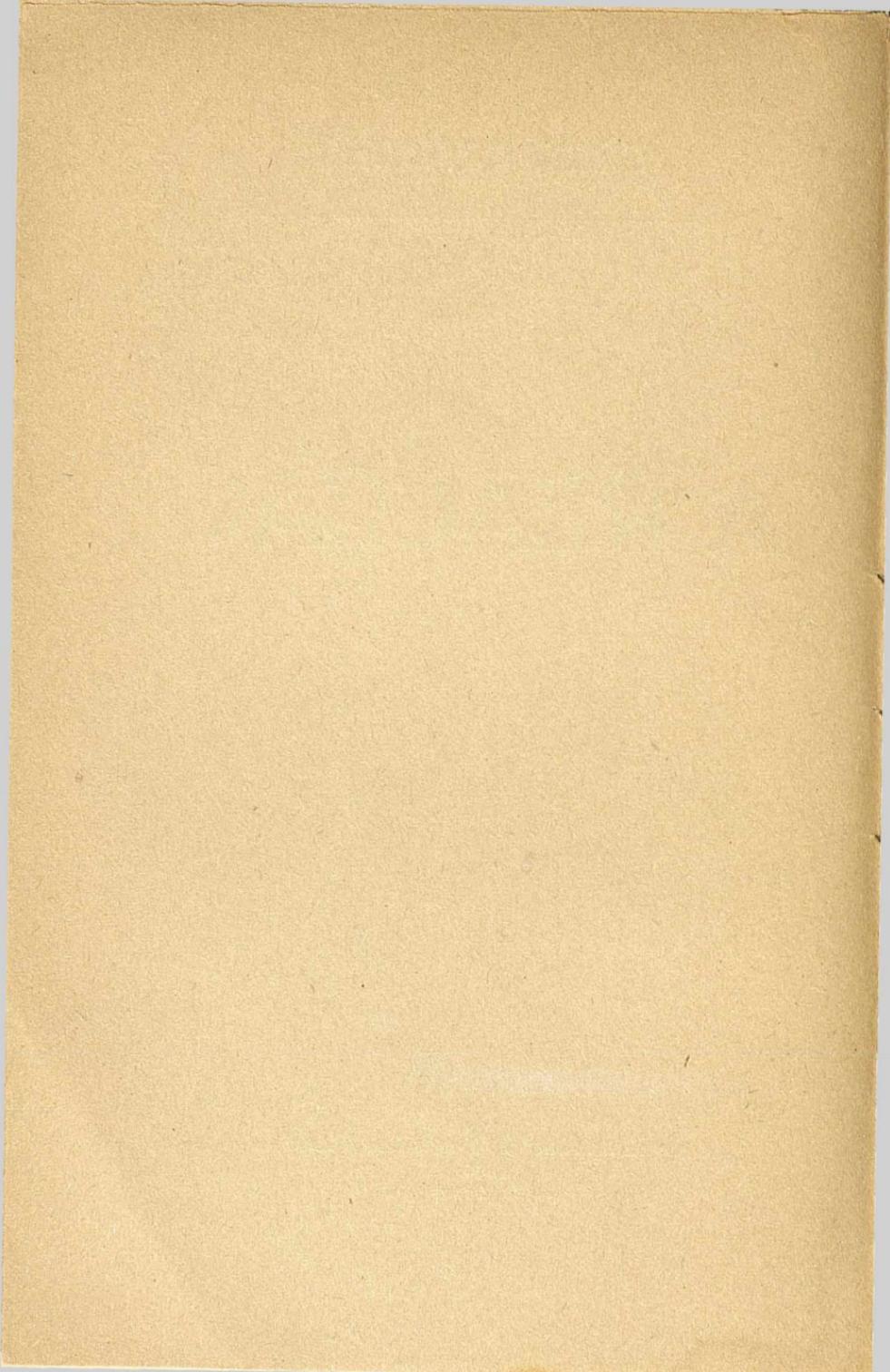
A REACÇÃO



BRITO CAMACHO

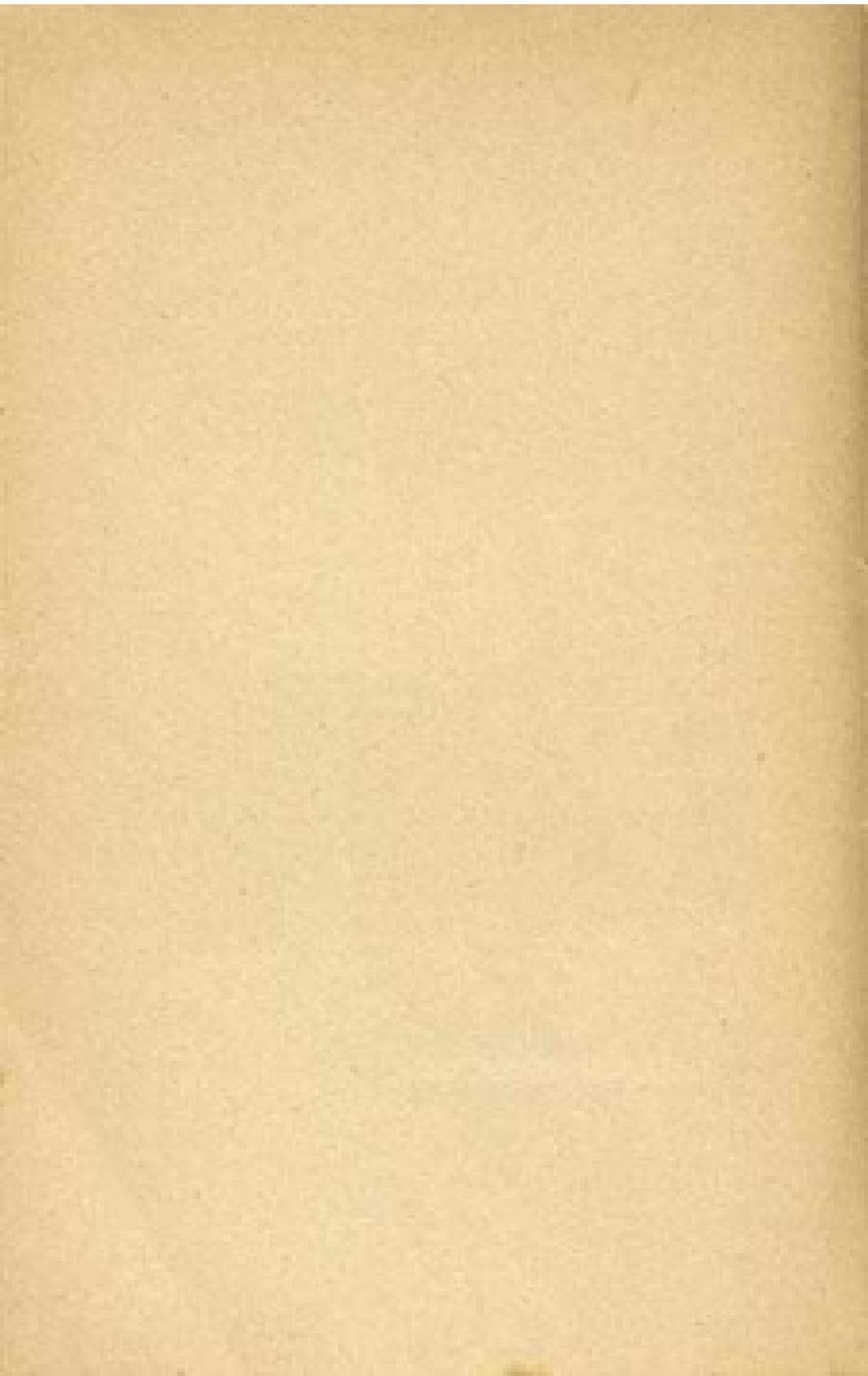
A REACÇÃO

Emprêsa Editora Luz, Ltd.^a
LISBOA
1932



I

Frades e freiras



I

FRADES E FREIRAS

Qualquer pode abdicar voluntariamente da sua vontade; pode renunciar por completo aos seus haveres; pode guardar intransigentemente a sua castidade, pondo-lhe leões à porta. A lei nunca poderá obrigar um homem a deliberar por si, se êle apenas quiser ser mandado; nunca poderá obrigá-lo a ter alguma coisa de seu, se êle quizer desfazer-se do que possui, quer se trate de bens adquiridos pelo seu esforço próprio, quer se trate de bens adquiridos por herança, ou qualquer outra forma legítima de aquisição; nunca poderá obrigá-lo a constituir família se êle teimosamente quiser fugir ao cumprimento dêsse dever social, resistindo às naturais impulsões da sua sexualidade.

Mas uma coisa é o que a lei não pode proibir, e outra coisa o que ela não deve sancionar.

Pretendia Louis Blanqui que em cada *atelier* de trabalho houvesse uma taboleta com esta ins-

crição: — *Numa sociedade de irmãos que trabalham, todo o preguiçoso é um ladrão.*

Realmente a sociedade é um organismo em que todos os membros são solidários, e tôdas as funções são conexas. Esta noção biológica dos agregados sociais foi o golpe de misericórdia na velha e renovada teoria das castas.

A igualdade dos homens perante a Humanidade assenta nesta concepção fundamental. Se no corpo humano se não pode dizer que o fígado é superior ao baço e inferior ao coração, também no corpo social se não pode dizer que o intelectual é superior ao mecânico e inferior ao músico ou ao poeta.

— São simplesmente órgãos diferentes a que correspondem funções diversas.

Por muito banal que isto seja, nunca é ocioso repeti-lo, porque ainda há muito quem o ignore, e muitíssimo quem não lhe perceba o alcance.

O orgão que não exerce regularmente a sua actividade na esfera assinalada ao seu destino biológico ou social—empregando uma linguagem teológica, por comodidade—é um elemento de perturbação, que importa corrigir ou eliminar.

— Não estará nestas condições o frade e a freira?

Êles pedem à esmola o que simplesmente deviam pedir ao trabalho, e consomem sem produzir — são parasitas, anti-sociais. Se dirigem o ensino é para o perverterem, reduzindo-o a instrumento dos seus propósitos egoistas ou das suas alucinações sagradas. Pelo voto de castidade, os monges

negam a família, indispensável base social; pelo voto de pobreza, negam a dignidade do trabalho; pelo voto de obediência incondicional a homens como êles falíveis e apaixonados, aviltam-se e degradam-se.

Isto explica a repulsa geral, em tôda a parte, pelas ordens religiosas, fenômeno histórico que fez a sua época, e do qual se pode dizer, como nos livros santos — alma qui vadit non reddit — alma que vai não volta.

*

Na hora que passa, hora de eclipse democrático, adiada a Liberdade, como se disse nos tormentosos dias da Revolução Francesa, os frades e as freiras vão-se infiltrando no País, não já cautelosamente, por capilaridade social, mas às escâncaras, domiciliando-se como quem vem para ficar.

A estas horas devia estar feito um inquérito tendente a apurar-se, no rigor dos números, quantos *santinhos* e *santinhas*, violando a legislação da República, já hoje se encontram no País, dirigindo estabelecimentos de ensino e beneficência.

Não receamos ver o País repovoado de frades e de freiras consumindo na madraçaria dos conventos o produto do nosso trabalho. A tradição picaresca conserva a memória dos seus feitos, e ainda há pouco, à lareira, nas longas noites de inverno, a velhice contava à juventude aventuras

amórosas dêsses sequestrados do mundo, que já-mais esqueceram o preceito do Evangelho—crescei e multiplicaivos.

A actividade moderna, febril e calculista, é absolutamente incompatível com a ociosidade monacal, mística e luxuriosa. Nem a religiosidade dos nossos dias, esmorecida, quási a apagar-se, che-garia para fornecer êsses armazens católicos em que se baralhavam os fervores da crença com os delírios da carne.

Não; os frades fizeram o seu tempo; as freiras não voltam mais. Ainda vigorava a Monarquia Constitucional, os conventos, em grande número, tornaram-se em quartéis, e Deus sabe quantos soldados broncos, no silêncio das noites regulamen-tares, ressonavam sob os mesmos tectos húmidos que outrora viram monges alentados uivando de luxúria e gôso nos braços de roliças monjas, lú-bricas e apetitosas !

*

Quando um regimen político está próximo do seu fim, lança mão de tudo quanto possa aguentar-lhe a vida, acontecendo muitas vezes que, na ânsia de viver, mais avança para a cova.

Forte pelo triunfo alcançado sobre a Monarquia absoluta, e ainda tomando a sério o seu papel de regimen liberal, o constitucionalismo não hesitou em abolir as Ordens, como já fôra abolida, de di-

reito e de facto, a Santíssima Inquisição. A Província não castigou os hereges, que tal ousaram; o Céu não se vestiu de luto nem a Terra se carregou de crepes. Mas os românticos de 34 ainda puderam assistir ao desfazer do seu sonho, reconhecendo com ingénua tristeza que não pode haver lógica numa contradição, e que é perigoso tomar como realidade o que não passa de miragem.

Á medida que ia sentindo faltar-lhe o apoio das consciências mais rectas e a sincera adesão dos espíritos mais esclarecidos, a Monarquia Constitucional fazia da corrupção uma arma contra a nascente Democracia, tímida nas suas afirmações, mal sabendo definir os seus protestos e desejos. Tinha por si o Exército, adiscrito à disciplina, e a Justiça, por subserviência, entregara-lhe a simbólica balança, de que ela se ia servindo com pesos falsos—tão falsos como Judas.

Pois muito bem.

Não se julgando, ainda assim, bastante segura, a Monarquia Constitucional combinou-se com a Reacção, incontestavelmente uma força, embora traíçoeira e covarde. A rainha D. Amélia educada no Sacré Cœur, excepcionalmente devota, foi um instrumento da reacção clerical, manejado lá em cima, nas altas esferas tronícias por mãos audaciosas e hábeis. Não compensava suficientemente a sua acção o pretendido liberalismo de D. Carlos, que uma vez, na Praça do Campo Pequeno, foi alvo duma grande manifestação de livres-pensado-

res, que nada mais pretendiam, assim procedendo, que significar à Rainha o seu desagrado e lavrar o seu protesto contra os seus manejos reaccionários.

Em 1901, estando no Govêrno os regeneradores, pretendeu-se, encapotadamente, abrir a porta às Congregações, e foi voz pública que o respetivo decreto fôra a Rainha que o impusera à complacência de Hintze Ribeiro.

Em 1908, sendo presidente do Ministério o makavenco Ferreira do Amaral, foi levado à Câmara dos Deputados uma proposta de lei sobre casas baratas, nos termos da qual as Congregações podiam adquirir, por qualquer título, os bens imóveis que julgassem necessários ou convenientes para o exercício de suas artes e manhas.

Fui encarregado pela minoria republicana de combater êsse ardil, que o dr. Caeiro da Mata, cedendo a constantes pedidos, se encarregou de defender, por não aparecer o relator da proposta, a assumir a sua defesa.

Veio a República. Acabou, como não podia deixar de ser, a Religião do Estado, e pôs-se em vigor tôda a legislação decretada em épocas várias, desde Pombal até ao Mata-frades, garantindo a Liberdade contra os manejos reaccionários.

Criou-se um Estado laico, não para ofender as consciências, mas para tornar impossível o predomínio da casta sacerdotal sobre a sociedade civil. A França já tinha feito a sua separação, vencendo

as maiores dificuldades. É pois que veio a talho de foice referir-me à obra do grande estadista, Aristides Briand, há poucos dias morto, quero deixar aqui exagerada a minha homenagem à sua memória, homenagem que é feita de admiração e de reconhecimento. Briand concedeu-nos uma demorada entrevista, sendo Presidente do Ministério, e tendo mostrado conhecer bem o xadrez da nossa política, particularmente no que dizia respeito à guerra, teve palavras de louvor e incitamento para que mantivéssemos a atitude adoptada.

— *Vous n'avez qu'à continuer* — disse-nos o eminente político, uma das mais nobres figuras da terceira República francesa.

O que esta entrevista incomodou o Ministro de Portugal em França, e que dela só teve conhecimento pelo noticiário dos jornais !

Os jesuítas, expulsos mais uma vez de Portugal, foram elegendo domicílio perto da fronteira, do lado de lá, em Espanha, à espera que a República se fôsse abaixo, ou que pouco a pouco a nossa tradicional incúria lhes permitisse um cómodo regresso, eficaz e sem alardes.

Por cá ficaram alguns frades e algumas freiras, para semente, e dêsse exército de irmãs de vária espécie, dedicadas umas ao ensino, outras à beneficência, as mais cautelosas desembaraçaram-se da vestimenta característica, e continuaram a sua vida, como se não fôsse nada com elas.

Reconheceu-se, a breve trecho, a necessidade

de rever a lei da Separação, limando-lhe algumas asperezas inúteis; mas logo a jacobinagem declarou que ela era intangível, e que mexer-lhe seria atentar contra a própria segurança do Estado.

Foi necessário que ao Ministério da Justiça chegasse um homem de superior inteligência, o dr. Moura Pinto, com um grande sentimento das realidades sociais, para que se tocasse na Lei da Separação, contrariando a vontade do ditador, que então era Chefe do Estado, e que àquele logar ascendera por um golpe feliz de audácia.

Entretanto começavam os maçons a ser mais tratáveis, começavam os clericais a ser menos puntilhosos, Roma entrou a conversar com Lisboa, verificando-se, mais uma vez, que com o céu há sempre acomodamentos.

Em La Guárdia, ali à beirinha do rio Minho, os jesuítas iam educando, a seu modo, meninos portugueses, filhos de bons republicanos, lamentosos de que não houvesse em Portugal um bom colégio onde internassem os seus pípolhos. Todos os anos, em número variável, algumas herdeiras ricas saíam de Portugal para irem professar em Espanha, criaturas que as irmãs preparavam para a vida monástica, com votos, e numa indiferença de gelar quebravam os mais apertados laços de família.

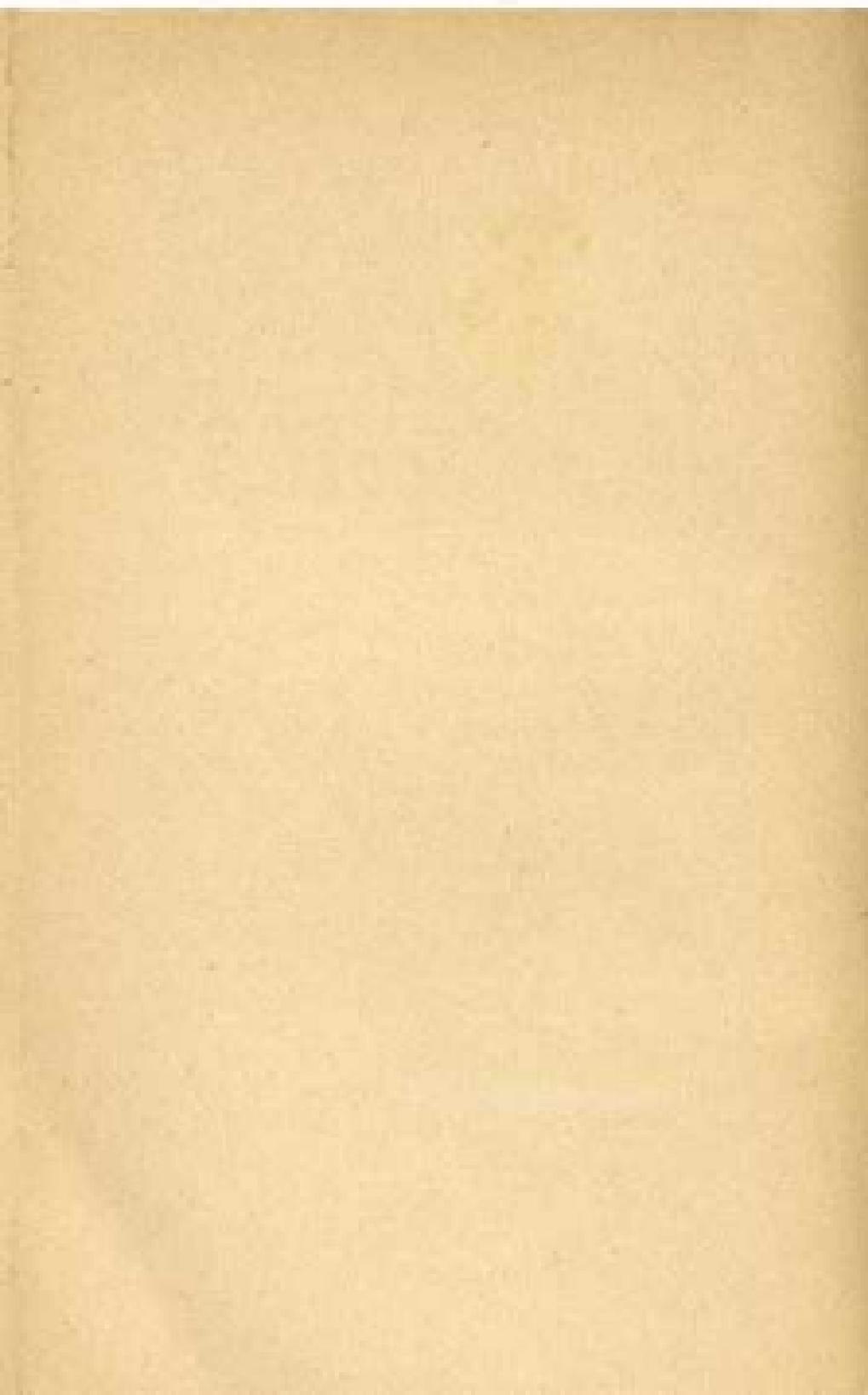
Actualmente não há festa nem dança em que os senhores Bispos não metam a pança, tão ligada a Igreja ao Estado que dir-se-hia viverem num regi-

men concordatário, muito mais proveitoso para a Igreja que o anterior a cinco de Outubro.

A Espanha quase se deixou absorver por frades e freiras, milícia celeste com vários nomes e préstimos, ocupando posições no Estado que lhe garantiam uma influência decisiva na dinâmica social. Viu-se, proclamada a República, que extensão enorme tinha a rede ultramontana, e como nas suas malhas, activos e submissos elementos políticos de variada proveniência colaboravam nos seus propósitos dominadores. Dos estadistas espanhóis, nos últimos tempos, com exceção de Canalejas, nenhum ousara tomar perante Roma a atitude que convinha ao Estado para evitar que o monstro o esmagasse na sua organização tentacular.

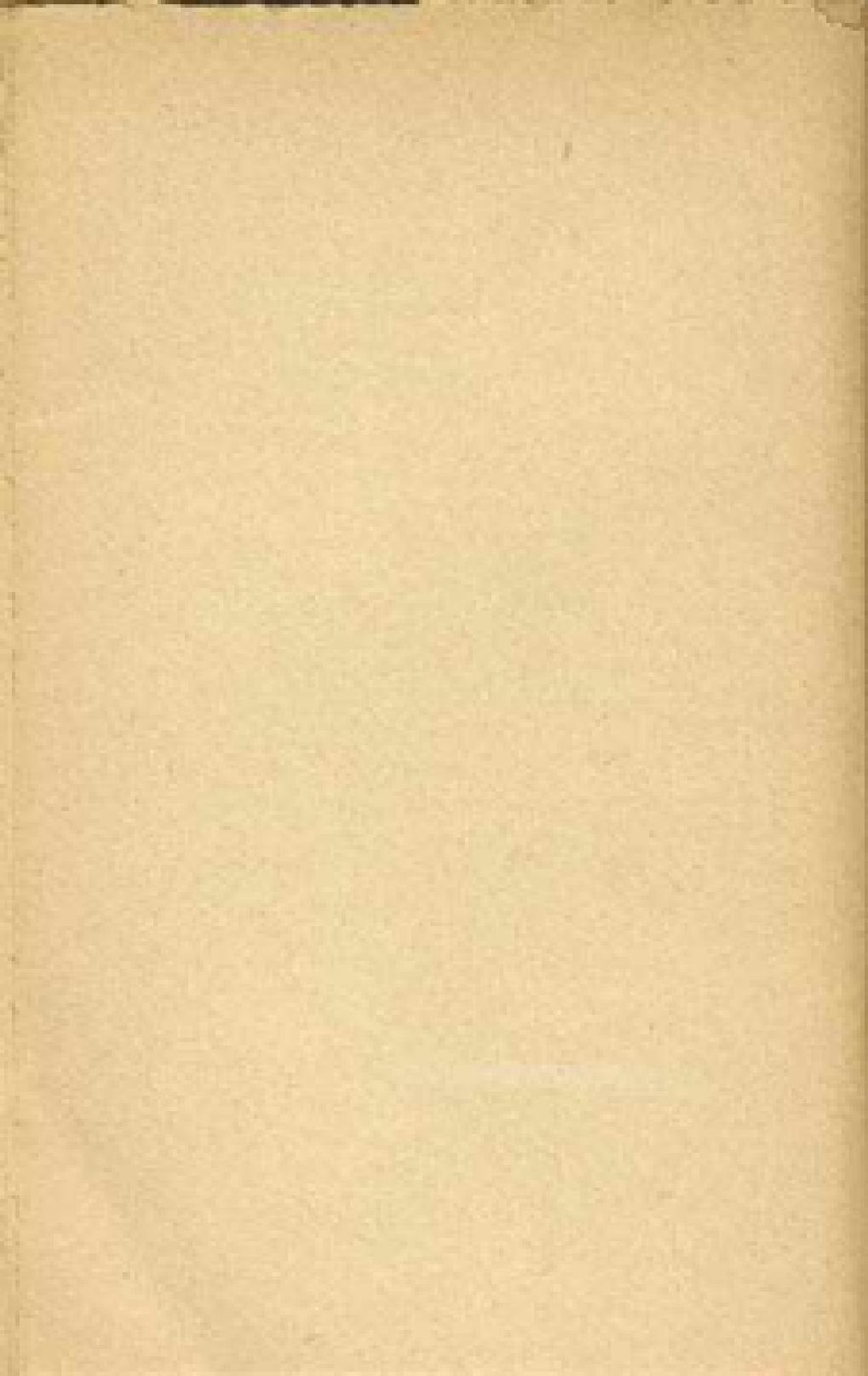
O resultado dessa política, as consequências dessa fraqueza, está-as sentindo, e bem dolorosamente, agora.

Sem dúvida em Espanha há um movimento comunista, que aspira à famosa catástrofe, preconizada por Karl Marx; mas é nas sombras da Igreja que todas as desordens se maquinam, e cremos nós que procurando bem, nas algibeiras dos jesuítas revolucionários se encontrarão... bombas e escapulários.



II

As irmãs de caridade



II

AS IRMÃS DE CARIDADE

Não é necessário ser-se médico para se conhecer da conveniência ou inconveniência de admitir nos hospitais, para tratarem os doentes, as irmãs de caridade.

Não se trata, propriamente, duma questão de medicina; trata-se, quando muito, duma questão de higiene social.

Tem pouco valor, para nós, o argumento do que se vê lá fora, porque lá fora, como cá dentro, há coisas boas e há coisas más.

As *irmãs de caridade*, pelo estatuto da sua Ordem, não são obrigadas a ter, e geralmente não têm, a competência técnica profissional, que precisam ter os enfermeiros para o bom desempenho das funções que lhes competem. Diz o povo que um bom enfermeiro vale tanto como um bom médico, e este conceito popular encerra uma grande dose de verdade.

A Inglaterra foi das primeiras nações, ao menos na Europa, a estabelecer cursos de enfermeiros, exemplo que nós só muito tarde adoptámos, por não sermos gente apressada.

A delicada missão de tratar doentes, delicada e algumas vezes perigosa, não pode ser cometida ao primeiro que chega, sem nenhuma habilitações especiais. O médico tem no enfermeiro um auxiliar poderoso, quando este possui, para que assim digamos, a consciência científica da missão que lhe cabe. Ora as irmãs de caridade são duma ignorância completa na arte de enfermagem tal como ela deve ser compreendida e executada em face da ciência médica.

Deve ser muito bem pago o serviço de enfermagem, tanto o dos homens como o das mulheres. A tendência é para não admitir homens nesse serviço, todo a cargo de mulheres. A velha Moral ainda protesta contra similarmente prática, que toda-via mais e mais se estabelece e firma, com grande proveito dos doentes a quem a graça senhoril das enfermeiras, solícitas e carinhosas, não deixa que se agrave o seu padecer por um sentimento, nem sempre falso, de abandono, e não raramente por um despeito de trabalhador mal remunerado, cônscio dos serviços que presta.

A enfermagem deve ser exercida com proficiência técnica, que não se adquire a desfiar camandulas nem a rezar orações. Figure-se um maquinismo tão perfeito que preste ao doente, com os maiores

rigores de exactidão, todos os múltiplos serviços de que êle pode carecer, conforme a natureza e a marcha da sua doença a evolucionar para a cura ou para a morte. Por muito perfeito que imaginemos êsse mecanismo, não poderemos dar-lhe sensibilidade, dotá-lo com afectos que dulcifiquem o seu dinamismo, com palavras, com gestos, com solicitudes carinhosas que levantem o ânimo, que fortifiquem a esperança, que atenuem o sofrimento, dando a santíssima ilusão de que alguém o comparte.

Só as irmãs são capazes dumha dedicação desinteressada, indo até ao sacrifício, à renúncia voluntária de tôdas as comodidades e gosos?

Não se comprehende bem o que possa ser a humanidade de criaturas que para desempenharem uma função socialmente útil, começaram por se desumanisar. Quebrar todos os laços de família; abandonar os parentes mais próximos, pai, mãe e irmãos, e os olhos erguidos ao céu, não vendo na Terra senão injúrias e pecados, ir levar a estranhos, recolhidos em hospitais, os cuidados e confortos de que necessitam os enfermos, é procedimento que afirma uma funda perversão da personalidade, —admitindo, o que nem sempre sucede, que a irmã se devota ao seu ministério com tôdas as veras da sua alma.

O sofrimento é o caminho do céu; a morte é a libertação do indivíduo, restituído o corpo ao pó de que proveio—tu és pó, e em pó hás-de tornar-te

—ascendendo a alma do justo aos paraímos celestiais.

Que palavras de confôrto, que palavras animadoras pode dizer a um doente o enfermeiro ou enfermeira que na sua dôr vê o comêço da sua salvação, que possui a certeza, a inabalável certeza de que a cova é a porta aberta para uma outra vida, que morrer é o supremo bem, porque é a iniciação do bem eterno?

Com que anciedade elas espreitam, as irmãs, o instante decisivo em que se apaga o último sôpro de vida, tornada inerte a matéria há pouco animada, evolando-se do cadáver aquele sôpro divino que ela quereria seguir, na sua ascenção bendita, a caminho do céu, através dos espaços sem fim!

Mas nem tôdas as almas se salvam; para muitos a morte é uma breve pausa no sofrimento—como se o condenado que arde numa fogueira que se extingue, fosse atirado para uma outra que não se extinguirá jámais.

Ela sabe lá, a irmã de caridade, se o mísero que agoniza no leito dum hospital, sofrendo horrores, irá para o Céu ou para o Inferno, premiado com a Bemaventurança ou condenado a uma eternidade de penas, em comparação das quais são quásí idílicas as crueldades da Inquisição!

O que ela sabe é que todos hão-de ser julgados por Deus, Juís Supremo, a cada qual, segundo os seus merecimentos, sendo dado prémio ou castigo,

—um prémio, que é a felicidade perene, um castigo, que é a desgraça eterna.

Que palavras boas, que palavras meigas, que palavras dulcificantes podem acudir aos lábios duma desgraçada em cujo coração nunca desabrochou ou prematuramente resequiu a flor rubra dos afectos que mais caracterizam e elevam, quásí divinizando-a, a mulher—o sacratíssimo amor de filha, de esposa, de mãe, de irmã ou de noiva, múltiplas facetas do mesmo diamante, que é a sublimação do que há no mundo de mais grandioso e mais belo!

Se o doente tem crenças religiosas, no que elas pensam, do que elas tratam é de lhas avigorar, não vá a doença, quebrando-lhes a energia física, diminuir-lhes as potências d'alma. A Imagem do crucificado, vela d'alto por sobre o doente que sofre, e santinhos de segunda ordem, agarrados às cabeceiras da cama, são testemunhas impássíveis de cenas que às vezes têm a beleza quieta e suave dum vergel em flor, banhado de sol, outras vezes tem o aspecto dum pequenino palco em que se representa uma grande tragédia, o corpo a desfazer-se e a alma a libertar-se.

Bem sabemos que nem todas as irmãs são bonecas articuladas, criaturas asexuadas que a Igreja deformou para seu uso e proveito. A *soeur Philomene*, dos Goncourt, é uma personagem de romance, podendo muito bem ser uma personagem da vida hospitalar, visto as excepções serem a confirmação da regra.

Reparando bem, por detrás duma irmã de caridade, vestida à eclesiástica ou à civil, há sempre um discípulo de Loyola, um jesuíta que a aconselha e dirige. Quando ela fala produz-se um caso de ventriloquia, de que não se apercebe quem ouve.

O hábito não faz o monge; enfarpelado na pele dum carneiro, um lobo não deixa de ser um carnívoro temível.

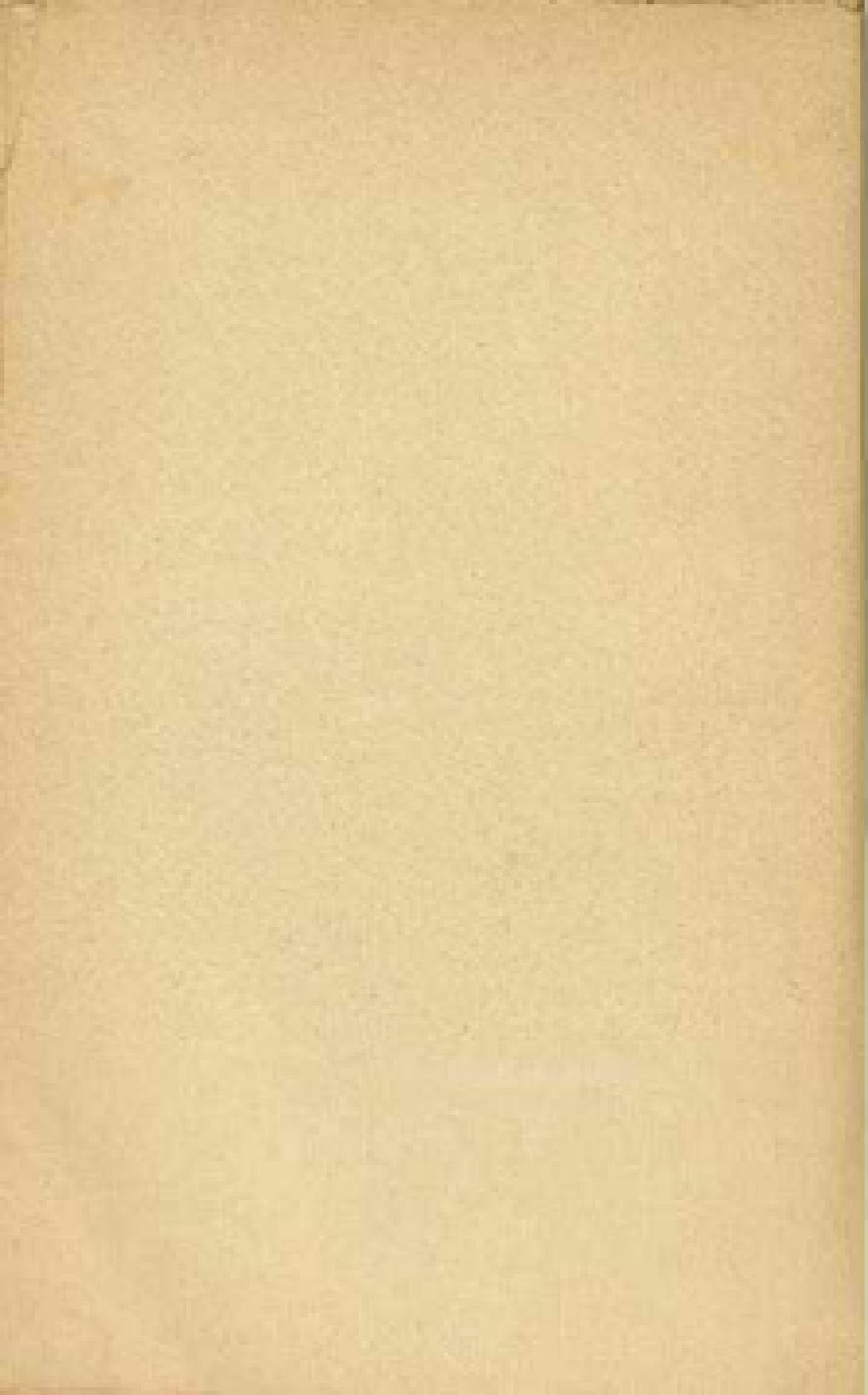
Quer-nos parecer, entretanto, que é menos de temer o jesuíta que se apresenta francamente, tal como é, não disfarçando a intransigência dos seus princípios, armado com as afirmações absolutas do velho ideologismo católico, impudente e resoluto. Perigoso, verdadeiramente perigoso é o jesuíta que se apresenta esquivo e marcha com cautela, pé-ante-pé, como um ladrão a tactear nas trevas; refugindo da luz indiscreta para a sombra protectora; recuando para melhor avançar; fingindo que aceita as nossas premissas para nos impôr as suas conclusões; pondo na execução dos seus planos tenebrosos toda a astúcia dum demónio e caminhando para os seus fins com a obstinação dum alucinado.

Não tenhamos a êste respeito a menor sombra de dúvida—o jesuítismo, em Portugal, é uma doença que recidivou, e contra a qual há que empregar uma medicina drástica, sem muito nos atermos ao significado farmacológico das palavras.

Não pode haver liberdade onde impera o jesuíta, porque estes dois termos—jesuítismo e liberdade, são antinómicos—excluem-se.

III

As missões



III

AS MISSÕES

No espírito dos nossos estadistas, até ser proclamada a República, esteve sempre radicada a ideia de que não é possível civilizar as colónias sem missões religiosas. Nas *Soluções positivas da política portuguesa* Teófilo Braga fez a crítica dêste asserto, que foi passando de geração em geração, evidente como um axioma e inatacável como um dogma. Tinham por certo os nossos políticos dirigentes que o preto deixaria de ser um selvagem desde o momento em que adquirisse o hábito de lavar a tromba com água benta, e perdesse a fé nos deuses grosseiros do fetichismo para crer, com o mesmo fervor e o mesmo discernimento, nos fetiches da religião católica. Tudo se reduzia, pois, a mandar para África, periodicamente, turnos de missionários argutos que, valendo-se da sua superioridade sobre o negro, lhe metessem na cabeça os milhares de transcendentais disparates que formam a essência

da religiosidade metropolitana — doutrina e práticas.

*

Os que conhecem um pouco a nossa história sabem muito bem quanto a catequese católica tem contribuído para o desprestígio do nosso nome e o enfraquecimento do nosso poder em terras de além-mar.

Como símbolo duma religião a cruz, levada às paragens africanas pelos nossos primeiros navegadores, não falava à inteligência rudimentar e ao sentimento obtuso dos indígenas com aquela eloqüência arrebatadora que, num dado momento, fez erguer os povos do ocidente europeu pondo-os a caminho da Terra Santa, à conquista dum sepulcro que não tinha nada dentro. Eles conheceram-lhe as propriedades físicas antes de lhe perceberem a significação moral, porque os missionários de então, que eram soldados de Deus, da mesma forma que os soldados eram missionários católicos, trataram de os desancar com ela — maneira de catequizar assás conveniente e fácil.

As degradações e barbaridades que constituem a página vergonhosa das nossas conquistas, e que se continuaram ao depois, pelos tempos fora, com felizes intermitências, devem ser levadas em grande parte, e sem grande injustiça, à conta de fervor proselítico dos padres que para lá mandávamos e

do espírito religioso, ao mesmo tempo imoral e intolerante, feroz e mercantil, de quase todos os nossos que para lá iam—civis e militares.

Mariano de Carvalho foi um dia, em visita oficial, a Moçambique, a ver o que por lá havia que justificasse os receios que havia no Terreiro do Paço duma inevitável e próxima desnacionalização.

No relatório dessa visita ele disse que os missionários iam preparando a perda da colónia, pelo menos iam acumulando os elementos duma conflagração medonha em que mais uma vez os *fieis* e os *infieis* se defrontariam num duelo de morte.

Ignorantes e imorais, os nossos missionários, escreveu ele no *Diário Popular*, nem sabem dirigir-se à inteligência rudimentar do preto sem lhe escandalizarem a susceptibilidade selvagem, nem podem educá-lo pelo exemplo, porque os missionários não trabalham, embebedam-se, e fazem ostentação dos seus vícios como se fossem virtudes altamente apreciáveis.

Mas, que assim não fosse, haveria muito a esperar das missões católicas na obra da civilização africana?

*

É fora de dúvida que a inteligência do negro não pode elevar-se, por injecções dos missionários das grosserias fetichistas que a dominam, às trans-

cendências duma religião altamente filosófica, para não dizermos metafísica, como é a religião católica-apostólica-romana.

Pretender que um povo ou uma tribo passe, dum salto, quase sem transição, dum fetichismo grosseiro como é, em geral, o dos negros em África, a um monoteísmo puro como pretende ser o da carolice galante de Lisboa, é um disparate de tal ordem que mal se comprehende numa cabeça de gente.

Por outro lado supôr que o preto há-de moralizar-se em seus costumes, elevar-se em suas ideias e disciplinar-se em seus sentimentos pelo facto de o constrangerem a abandonar as suas crenças absurdas pelas absurdas crenças de que o catolicismo está cheio, é duma ingenuidade pasmosa, para não dizermos duma pasmosa ignorância.

Que diferença essencial haverá entre o selvagem que oferece tabaco ao trovão para que não lhe faça mal, e o civilizado que oferece azeite a Santa Bárbara para ela evitar que um raio o parta?

Que distância terá percorrido no caminho da elevação mental o negro que ontem acreditava na omnipotência duma arreigota sem forma, e hoje adora essa arreigota afeiçoada ao geito de Santo Amaro?

Dir-se-á que para o fetichista preto não há símbolos, há só realidades, e que o selvagem da arreigota não é capaz, como o devoto do santo, de se elevar à concepção duma divindade incorpórea, imaterial. Há quem afirme que o fetichismo, longe

de ser a fase inicial dum movimento religioso, representa já um estado relativamente avançado de religiosidade na sua gradual evolução, o fetiche sendo, para os que assim pensam, a materialização, a concretização do Ser divino.

Sem discutirmos agora êste ponto da mais ale- vantada importância, podemos, todavia, afirmar que a maior parte dos *nossos irmãos em Cristo* são dum fetichismo tão grosseiro e tão bronco como o dos crentes em Manípanço, sendo privilégio de poucos, de muito raros, a especulação metafísica ou teológica.

Concordamos plenamente com os que afirmam a indispensabilidade duma religião e dum culto para civilizar a África ; mas parece-nos que essa religião se deve chamar... Ciência, e êsse culto se deve chamar... Trabalho. Os últimos progressos da antropo-sociologia tornaram de certo modo fácil a resolução do problema colonial, de sua natureza complexo ; tudo está em não caminhar às cegas, pela mão da rotina, cortejando todos os interesses, como se fôssem legítimos, e os disparates entronizados, como se fôssem verdades incontrovertidas.

O preto não há-de civilizar-se freqüentando as Igrejas ; não deixará de ser selvagem pelo facto de lhe meterem na cabeça que três coisas distintas formam um todo homogéneo. Mas deixará de o ser quando lhe tiverem incutido o hábito do trabalho considerado não como um estigma de inferioridade, mas como cumprimento singelo dum dever e satis-

fação imprescindível duma necessidade, a necessária condição para ter uma boa saúde—saúde do corpo e do espírito.

Até há pouco era convicção geral que o preto, em qualquer latitude e sob qualquer clima, há-de desaparecer necessariamente pela invasão dos povos civilizados, e nesta conformidade tratavam-no do pior modo possível—tomavam-lhe posse da casa; roubavam-lhe a mulher; devastavam-lhe o País e exterminavam-lhe a raça pela guerra. A tal ponto que M. Roze poude dizer, sem mentir, sem ao menos exagerar, falando das colónias que visitara: — «Estes povos são simples e confiados quando nós chegamos; perfidos quando os deixamos. De sóbrios que eram, nós os fazemos bebendos; de pessoas honestas, ladrões. Depois de lhes termos inoculado os nossos vícios, estes mesmos vícios nos servem de argumento para os exterminarmos».

*

Sabe-se hoje que o negro, particularmente o indígena dos climas tórridos, é alguma coisa mais do que um instrumento útil, é um agente indispensável. Importa, por isso mesmo, educá-lo cuidadosamente; mas essa educação não pode fazer-se nas Igrejas, a ensinarem-lhe orações; há-de fazer-se nos campos e nas oficinas, nas escolas práticas de agricultura ou quaisquer outros estabelecimentos de ensino profissional.

Calúnia, em geral, o negro quem lhe nega aptidão para o trabalho. O que lhe falta, na maior parte das vezes, é a lição do exemplo e a segurança de não ser roubado. A única catequese que dá frutos e influência, afirmando-se em prósperos resultados, é a catequese do trabalho.

O que é preciso, em África, é abrir escolas—escolas de artes e ofícios, escolas regionais de agricultura, bem montadas e bem dirigidas. Escolas em vez de Igrejas; Mestres em vez de Missionários; a preparação do indígena para os diferentes misteres úteis, em vez da sua preparação para as devoções beatas.

Claro está que o missionário católico, por via de regra, é tão competente para instruir como para moralizar. Se o seu modo de vida nem sempre é bom, os seus processos de ensino são constantemente perniciosos, porque visam interesses muito restritos e firmam-se em bases muito falsas.

Não é verdade que a segurança dum edifício depende principalmente de solidez e sabedoria com que se lhe preparam os alicerces?

*

A República criou as missões laicas, deixando subsistir as missões religiosas, nacionais e estrangeiras.

Levei de Lisboa, quando fui assumir o Governo de Moçambique, um funcionário contratado, que de-

veria fazer uma completa reorganização do ensino provincial e inquirir do modo como funcionavam as missões, todas elas, e do seu inquérito entregando um relatório ao Governador, habilitando-o a tomar providências úteis.

Dei a êsse funcionário a mais completa liberdade de proceder, e habilitei-o com os meios necessários para bem desempenhar a sua missão.

Soube, pelo pagamento de despesas que tive de autorizar, que êle percorrera a Província, visitando as missões; mas a respeito de relatório, nunca lhe pus a vista em cima.

Também eu visitei as Missões, visita rápida que me não permitiu colher todas as informações de que necessitava para reformar êsse serviço público. E tinha grande empenho em fazer essa reforma, mais importante que todas as reformas burocráticas, à parte a organização dos serviços de assistência, que devem primar sobre todos os outros.

Em toda a Província não havia, quando ali cheguei, uma única escola agronómica, uma quinta regional de ensino prático, que servisse para alguma coisa. Escolas de artes e ofícios havia duas, uma na ilha de Moçambique, que não valia um côco partido ao meio, e outra na Beira, fundada e dirigida pelo padre Rafael, que hoje é o bispo da Província.

Nos livros *Terra de Lendas e Pretos e Brancos* falo de algumas Missões que visitei, e que foram

quasi todas que na Província havia, religiosas e laicas.

As missões americanas e suíças deixam a perder de vista as nossas missões no ponto de vista dos serviços que prestam aos indígenas, e da sua preparação, embora insuficiente, para ser um trabalhador. Em cada uma delas há serviços médicos e socorros farmacêuticos, um técnico de coisas agrícolas e uma oficina para a prática de qualquer mísster.

Em algumas das nossas missões trabalha-se em cerâmica e em madeira, fazem-se sapatos e chapéus—sapatos para homens que andam sempre descalços, chapéus para homens que andam sempre descarapuçados.

De trabalhos agrícolas pouco se cura, e precisamente disso é que devia curar-se mais.

Convém dizer que os *mestres portugueses, carpinteiros, serralheiros, etc.*, de forma alguma se empenham em que os pretos aprendam uma arte ou um ofício, chegando até, segundo informações fidelígnas que tive, a maltratarem os aprendizes indígenas de maior aptidão, para que êles lhes *desamparassem a loja*. Procedem exactamente como os *monhés*, contratados na Índia para serem, na Província, educadores pelo trabalho. Fazem o seu contrato em libras, e quantas recebem quantas enviam para a Terra, para onde retiram finalizado o contrato, às vezes renovado.

O *monhé* vive de nada. Uns bagos de arroz,

um fio de óleo comestível; se tem machamba, alguma hortaliça da sua produção, e de longe em longe uma lasca de bacalhau ou uma amostra de peixe salgado. Lava e remenda a sua roupa, mais enfarpelado que o preto, fiel ao trajar da sua raça, como aos preceitos da sua religião.

Os mestres indianos não ensinam os aprendizes para que não cesse a necessidade de contratar monhés, por intermédio dêles sangrando a Província nos seus recursos em ouro.

A verdade é que os pretos têm geito para tudo; na Zambézia trabalham o ouro e a prata como distintos lavrantes. É vê-los numa oficina de marceneiro ou de serralharia. Numa grande fábrica, numa assucareira, por exemplo, o preto é um operário mecânico, que intervém inteligentemente quando a sua intervenção é precisa. São notáveis as suas aptidões como músicos e não menores as suas aptidões de dançarinos. Óptimos marinheiros, servidos por uma agudeza de vista que toca as raias do inverosímil, os brancos podem aprender com êles como se dirigem, no mar e nos rios, os barcos que fazem a cabotagem da Província.

Tendo o preto, como realmente tem, multiplas e superiores aptidões, fácil teria sido educá-lo, sem o estúpido preconceito de que êle é, irremediavelmente, uma criatura degradada pela Natureza, e sem a mania de fazer dêle um bom católico em vez dum bom cidadão.

Conta-se, em África, que muitos pretos acredi-

tam que o macaco é uma pessoa, só não falando, como as outras pessoas, os indígenas, para o não obrigarem a trabalhar e pagar impostos.

A verdade é esta — tem-se curado mais da exploração do africano que da África, noutro tempo exportando-os para o Brasil e para a América do Norte às centenas de milhares, e sempre mantendo-o na situação em que a Natureza o colocou, sem o meio social que permitiu aos selvagens brancos da Europa elevarem-se ao grau de civilização que actualmente ocupam.

O preto é supersticioso, é fetichista, incapaz de se elevar, por si, à concepção dum ente divino, que dos altos céus rege os Destinos do Universo?

Pois eduquem-no para ser, desde já, um bom trabalhador e mais tarde um bom cidadão, que as suas credices religiosas já hoje não fazem mal a ninguém, e dão-lhe a êle uma felicidade interior de que não há o direito de o privar.

Mas as Missões religiosas podem ser Escolas ou Quintas em que o preto se eduque pelo trabalho, ao mesmo tempo que se educa pela catequese...

Podem, não há dúvida; mas não vale a pena fazer essa misturada. O tempo que êle gasta a aprender o catecismo; a energia mental que o obrigam a dispendêr para se elevar à compreensão, inatingível, dos mistérios e dogmas da religião católica, êsse tempo emprega-o êle melhor e essa energia dispende-a mais útilmente trabalhando nos campos ou nas oficinas, enrijando o corpo sem de-

bilitar o espírito, não o animando, é certo, uma vã esperança no céu, mas também não o torturando um vão receio do inferno.

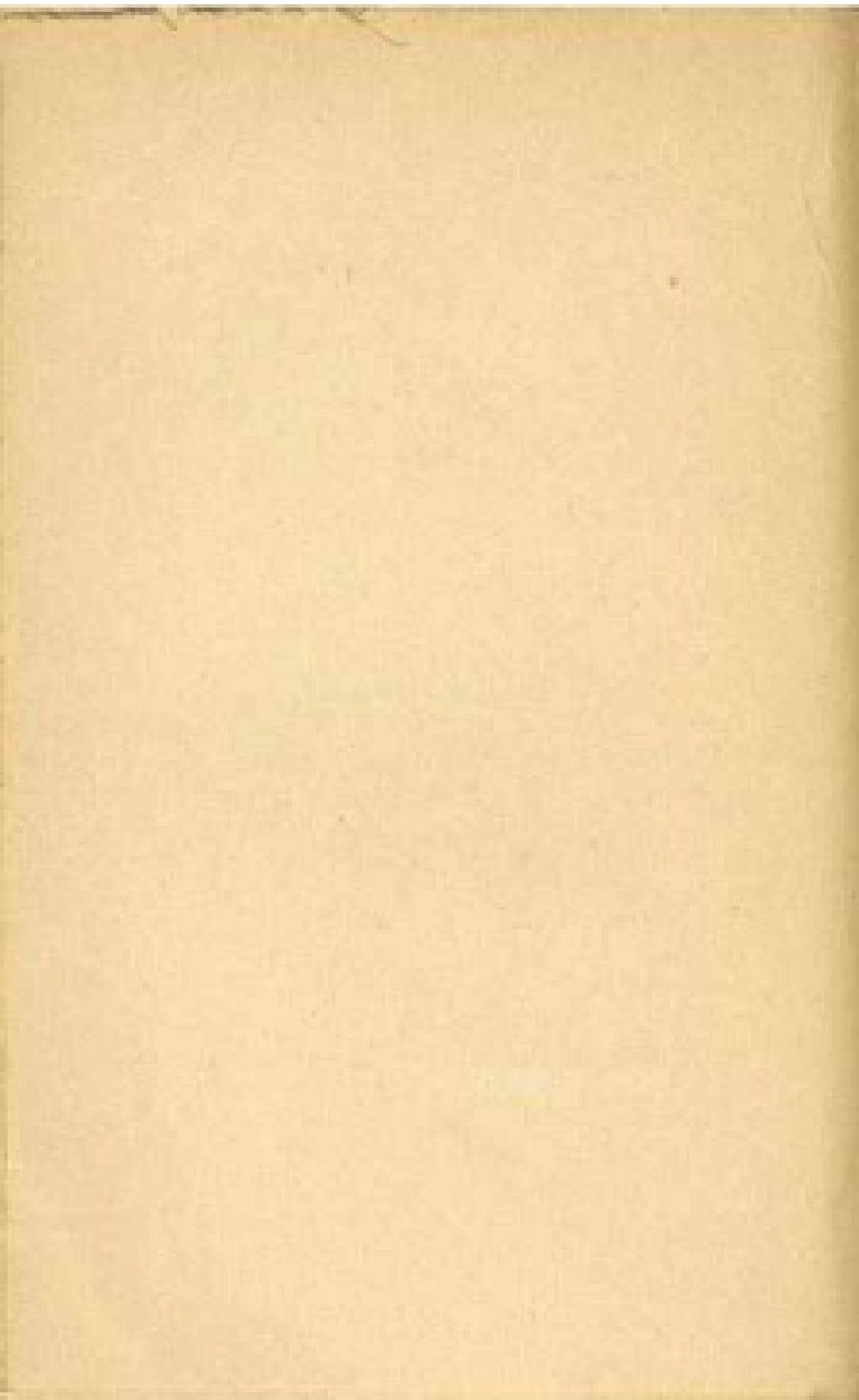
Acontece ainda que o negro, poligamo *ab ovo*, a poligamia sendo um predicado da raça, mal comprehende que um homem válido, embora seja missionário, não tenha sequer uma mulher! A êste respeito o missionário protestante, com mulher e filhos, vale mais, no conceito do negro, que o missionário católico, e muito mais do que êste vale o apóstolo muçulmano, cuja propaganda religiosa leva de vencida, em África, à de todas as outras religiões.

Outra seria a história das nossas conquistas se para elas fôssemos menos imbuidos em fé, menos devotos e mais humanos.

O que temos perdido na Terra, a querermos meter gente no céu!

IV

A escola laica



IV

A ESCOLA LAICA

O princípio da luta pela vida colhido pela observação de Darwin e por êle aplicado a todos os seres biológicos, é extensivo aos agregados sociais, e domina a fenomenalidade muito complexa do mundo das ideias e dos sentimentos. O progresso da civilização consiste precisamente em tornar cada vez menores as durezas dessa luta, em diminuir sucessivamente, ininterruptamente, os perigos da concorrência, ontem feroz, sanguinária, implacável, e já hoje piedosa, humana, se bem que hipócrita e traiçoeira.

A concorrência é, sem dúvida, no que respeita ao homem, uma fatalidade orgânica; mas a esta hora da civilização ela é, principalmente, um defeito ou vício social, um resto da tradição hárbara a que é preciso substituir o sentimento de solidariedade em tôda a sua plenitude. Para êsse fim grandioso devem convergir os esforços de todos os honestos,

as atenções de quantos não vivem enclausurados num estreito círculo de ferro — Pois tem a dureza do ferro o egoísmo exagerado, sem elevação e sem alcance.

Nas idades primitivas o conflito vital, na espécie humana, tinha toda a brutalidade de uma luta à mão armada; o homem era o inimigo do homem, porque disputavam os mesmos objectos e eram impelidos pelas mesmas necessidades inferiores. Os povos lutavam entre si, como os indivíduos, e era ainda a mesma necessidade que lhes armava o braço e os lançava na luta encarniçadamente, com desespêro. Hoje, como noutro tempo, o instinto de conservação é ainda o soberano regulador dos nossos actos; mas as nossas necessidades são mais disciplinadas, as nossas paixões são menos ferozes, os nossos sentimentos mais doces, por forma que a luta, sem deixar de ser ainda um modo de selecção, já não é uma sentença de morte, sem apelação e sem agravo, para os menos bem dotados. Dentro de cada povo os indivíduos sentem-se cada vez mais irmãos, e nas suas relações com os outros, os povos sentem-se cada vez mais solidários.

*

Na concorrência das ideias e dos sentimentos as probabilidades de vitória são em favor das que mais cedo se enraizaram no cérebro e das que mais

fortemente impressionaram a nossa sensibilidade. É falsa a noção de *táboa rasa*; mas é certo que nas crianças se fixam com singular facilidade e duram com singular persistência as primeiras ideias que lhes fornecem e os primeiros afectos que nelas acordam.

Como muito bem disse o poeta :

*As almas infantis são puras como a neve,
São pérolas de leite em unas virginais ;
Tudo quanto se grava e quanto aí se escreva
Cristaliza em seguida, e não se apaga mais.*

Isto explica o cuidado inteligente que deve presidir à função educativa, valiosa apezar dos exageros de certa Escola que tudo atribui a predisposições hereditárias, no que respeita a qualidades de carácter. Isto explica também a necessidade de ministrar a instrução racionalmente, por forma que as primeiras noções adquiridas, os primeiros conhecimentos elaborados não sejam um obstáculo à futura aquisição de noções exatas, precisas, de conhecimentos verdadeiramente científicos sobre tudo quanto ao homem interessa conhecer.

Palpável, é, pois, o absurdo de se ensinar nas Escolas de instrução primária a chamada doutrina cristã, o que na velha religião de Roma há de mais abstrato, de mais irracional, de mais profundamente anti-científico. Assim se perverte a orientação das inteligências que se vão formando; assim se imprime uma modalidade viciosa aos caracteres, por

assim dizer, amorfos, duma impressionabilidade de chapa fotográfica.

O sentimento religioso, talvez o mais antigo na espécie, é duma hereditariedade fácil, e de certo modo fatal; um dos que teem mais fundas raízes na organização psicológica do animal-homem. Vencido muitas vezes pela convicção científica, quando o corpo é vigoroso e a inteligência robusta, não é raro vê-lo reaparecer, predominando, quando mais tarde todas as energias desfalecem, pondo os velhos preconceitos da raça, avigorados pela impotência mental, em conflito com as aquisições intelectuais do indivíduo.

Porque as inteligências formadas na atmosfera mefítica de teologismo são pouco aptas para a cultura da ciência; porque os carácteres formados dentro da moral católica difficilmente reagem contra os manejos dos que em nome do céu pretendem dominar o mundo, o Jesuíta não cessa de pedir a direcção das Escolas, e introduz-se teimosamente no viver íntimo das famílias — para espreitar e para dirigir.

*

Com uma alavanca e um ponto fixo no espaço, dizia Arquimedes que deslocaria a Terra à sua vontade. Felizmente êle não tinha à sua disposição essas duas coisas, porque, de contrário, era capaz de fazer o que dizia, não mover à sua vontade a

Terra, mas desvia-la da sua órbita, o que teria funestas conseqüências — locomotiva que descarrilou, e não precisa de calhas para correr com a mesma ou maior velocidade do que trazia, antes do descarrilamento.

Onde estariamos nós a estas horas, se aquele maluco de Syracusa tem realizado o seu despropósito!

O Jesuíta, como o Arquimedes, também pede uma alavanca — o ensino, e um ponto fixo — a escola, para mover à sua vontade o mundo moral.

O confissionário já hoje lhe serve de pouco, porque pouca gente se confessa. Foi a sua grande arma, quando havia crenças fortemente arreigadas. Sobretudo o mulherio ia despejar no confissionário o taleigo das suas coscovilhices, que algumas vezes davam logar a sucessos trágicos.

Ser confessor da Rainha, em muitos casos, equivalia a ocupar um posto diplomático, de mais eficácia que uma chancelaria bem montada.

Quantas vezes, nessa época ingénua e fanatizada, a esposa revelava ao confessor segredos respeitantes ao marido, e que davam logar a vexames e perseguições, que freqüentemente levavam aos cárceres da Inquisição, ante-sala do cadafalso !

Então ainda havia muitos devotos que se confessavam dos pecados ou faltas que cometiam, sinceramente crentes em que o padre tem procuração de Cristo, substabelecida pelo Papa, para atar e desatar meadas, isto é para absolver ou não absol-

ver os pecadores que lhe relatam a sua vida, ajoelhados a seus pés.

Hoje, como já dissemos, o confissionário é um lugar deserto, e os poucos fieis que lá vão ainda, na quaresma, com as excepções do estilo, ou não fazem o prévio exame de consciência, como ordena a Igreja, ou assentam em não dizer ao padre, se êle os quizer confessar a valer, *secundum artem*, senão o que sem constrangimento diriam aos vizinhos de ao pé da porta.

Basta que um padre confesse uma rapariga pelos Mandamentos, para a obrigar a corar, subindo-lhe ao rosto todo o seu pudor de donzela.

Imagine-se: — A menina guarda castidade?

Eu confessei-me, a última vez, tinha quinze anos, frequentava então o segundo ano do liceu.

Aos sete anos sabia doutrina como um padre mestre, dotado de boa memória e com bastante inclinação para o sagrado. Minha mãe levou-me à confissão, por conselho do padre Cardote, que logo lhe disse que eu não poderia comungar.

Não tomei lugar na Mesa da Eucaristia, mas não me livrei da penitência — dê um vintem ao primeiro pobre que encontrar.

Minha mãe deu-me um pataco e eu guardei, para mim, um vintem, para não ir além da penitência imposta.

Aos nove anos já tomei a hóstia, porque tinha atingido, segundo a Igreja, a idade da razão.

Aos nove anos!

Alega-se muitas vezes o direito dos pais, em justificação do ensino religioso nas Escolas.

O direito dos pais não deve sacrificar o direito dos filhos, o direito das crianças, e estas estão sob a protecção do Estado.

Fazer o ensino religioso das crianças é viciá-las de modo a chegarem à idade da crítica e da razão sacrificadas a extravagâncias e absurdos que as impedem do exame livre das doutrinas e dos factos. Esta violência, que importa um mal para os indivíduos e um grave prejuízo para a Sociedade, o Estado não pode consentir que ela se exerça a dentro de estabelecimentos oficiais.

Os pais que pretendem dar aos seus meninos e meninas um ensino religioso, só teem que pagar a quem lho ministre — se não tiverem quem lho faça de graça. Mas tal ensino não pode ser feito de modo que as crianças não possam freqüentar a Escola — admitindo que alguma vez teremos o ensino obrigatório, não apenas na lei, mas nos factos.

Nas Escolas do Estado ou fiscalizadas pelo Estado é que o catecismo não pode ser ensinado.

Imagine-se que numa Escola pública se fazia o ensino religioso, e que essa escola era freqüentada por católicos, protestantes, judeus e maometanos.

Qual destas religiões devia o mestre ensinar? Todos?

Seria a confusão de Babel.

Uma apenas?

Seria a tirania da Inquisição.

O papel da Escola é preparar cidadãos deixando a cada um, em matéria de religião, a liberdade de adoptar a confissão que lhe parecer melhor.

Mas a Moral, onde irá parar a Moral se lhe tiraram a base religiosa?

Não há que encarecer a imoralidade da Moral religiosa, mesmo que não confundamos com a Moral do Cristo a Moral da Igreja. Os moralistas do Velho Testamento valem menos que os moralistas dos Evangelhos, e uns e outros valem pouco mais de nada quando formulam regras de conduta, as mesmas para todos os tempos e logares, as mesmas para todos os agregados sociais — como se a Moral não fosse evolutiva.

Uma única Moral pode e deve ter entrada na Escola — a Moral naturalista — sem ofensa às várias Morais, menos práticas que especulativas.

